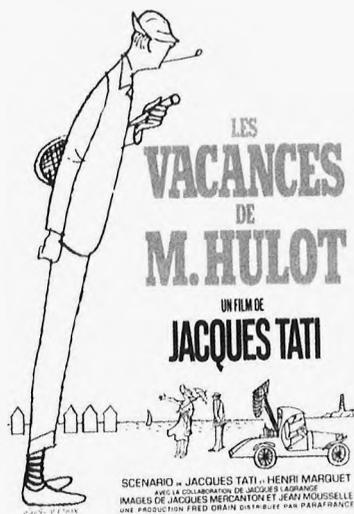


# Espectador ou Consumidor?

## Criança e Cinema

por Helvécio Ratton



Escrevo essas reflexões após ter visto *Castelo Rá-Tim-Bum*, de Cao Hamburger, que pertence à mesma linhagem de meus filmes *A Dança dos Bonecos* e *Menino Maluquinho*, a dos filmes que tratam a criança como espectador que merece respeito e não como mero consumidor de bugigangas oferecidas na tela. A contradição Espectador X Consumidor, proposta no título, pode parecer simplista em se tratando de uma arte industrial cara como é o cinema, em que todos necessitamos nos valer de procedimentos comerciais como o *merchandising*, por exemplo, para viabilizarmos as produções. Mas a questão está onde se coloca a ênfase: entre tratar o filme como um espetáculo, com interesse em si mesmo, ou apenas como uma embalagem de luxo, um grande comercial que precede o lançamento de uma infinidade de produtos.

Além de cineasta, sou cinéfilo, e como tenho filhas, vamos muito ao cinema para assistirmos filmes infantis. E quase sempre fico irritado com a vulgaridade desses filmes, em sua grande maioria histórias mal contadas, sem estilo, com pouco ou nenhum respeito à inteligência das crianças e repletos de estímulos grosseiros ao consumo. Esse tipo de filme só me causa (a palavra pode parecer forte, mas o sentimento é verdadeiro) repugnância.

Sentimento de repugnância porque a criança vai ao cinema para ver um filme, para se emocionar com uma história, e cai numa armadilha de onde só pode sair consumindo alguma coisa. A única forma que ela tem de saciar o desejo provocado por esse tipo de filme é comprando alguma bobagem para por um ponto final na história.

### Filmes infantis e infantilóides

Assistir a estes filmes gerou em mim a vontade de fazer outros bem diferentes, como quem senta no chão com um bando de meninos em volta, conta um conto e aumenta um ponto, numa narrativa envolvente, mas simples ao mesmo tempo. Esse sentimento norteou meu caminho ao fazer filmes dirigidos ao público infantil. Assim nasceu *A Dança dos Bonecos*, onde a idéia central é que magia e fantasia não se vendem, não podem ser reproduzidas industrialmente, senão perdem seu poder e seu valor. Esse mesmo espírito está na base do *Menino Maluquinho*, onde o melhor da vida é brincar, e brincadeira não se compra. Numa forma coerente com o conteúdo, minha proposta nesses filmes é de um cinema de sentimentos especiais, que toque o coração das crianças por caminhos

diferentes daqueles dos filmes de Hollywood. São filmes baratos, mas que fizeram boa bilheteria e foram bem recebidos pela crítica.

No meu modo de ver e pensar o mundo, fazer cinema para crianças é tarefa das mais sérias, e exige de quem faz, além de uma proposta artística, uma postura ética. Se analisarmos a produção cinematográfica infantil a partir dessa óptica, buscando arte e ética, o que sobra é muito pouco. A grande maioria das produções, incluindo as que se fazem aqui no Brasil, é vulgar e grosseiramente comercial. As histórias não são simples, são simplórias, não exigem da criança nenhum esforço mental. Não são filmes infantis, são infantilídeos. E pobre do adulto que acompanha a criança ao cinema, condenado a uma hora e meia do mais profundo tédio, quando o filme também poderia entretê-lo se possibilitasse uma segunda leitura, sem detrimento da peripécia infantil, que o tornasse cúmplice da narrativa, com um jogo de sutilezas que ele pudesse decifrar e se divertir com elas.

### O consumo como alvo dos filmes

Como não temos tradição em fazer filmes nessa linha, (aliás, no cinema brasileiro não temos tradição de nenhum tipo) parece que cada filme que fazemos é como se fosse o primeiro, o caminho se faz ao andar. Alguns filmes que assisti na minha infância, por coincidência ou não todos franceses, ficaram guardados na retina e no coração e sempre foram

referências: *Pele de Asno*, *A guerra dos botões*, *Meu Tio* e a pequena obra prima que é *O Balão Vermelho*.

Vem desses princípios minha satisfação frente ao *Castelo Rá-tim-bum*, filme bem realizado, de narrativa ágil e uma ambientação esplêndida. Feito por artistas que penetraram no universo infantil com requinte e honestidade. Os próprios *merchandisings* são discretos e surgem de forma natural, integrados à narrativa. Sinto falta no filme de um argumento melhor. Como o tratamento visual é muito forte, acaba por encher os olhos e suplantar a própria história. Isso fica claro na deliciosa caracterização dos personagens, com referências visuais que vão de *Branca de Neve e os 7 anões*, de Walt Disney, até *Edward Mãos de Tesoura*, de Tim Burton, mas que reduzem os personagens a caricaturas, não permitindo que eles mostrem nuances de comportamento mais ricas. Mas isso não impede que o filme encante as crianças e mantenha atento o olhar adulto.

Quem faz filmes para crianças ou, talvez fosse melhor dizer assim, dirigidos a todos os públicos, não pode abrir mão de sua posição de artista. E verdadeiros artistas não reduzem sua arte a vitrines de produtos comerciais, ameros estímulos ao consumo, mas fazem através de sua arte a própria crítica da sociedade de consumo. É essa arte que enriquece a vida das pessoas, que as leva a refletir sobre suas vidas e o mundo em que vivem. É um cinema assim, não importa se dirigido a adultos ou crianças, que me interessa ver e fazer. Que venham novos Castelos, como o *Rá-Ti-Bum*, pois o cinema brasileiro precisa (e muito) deles.

